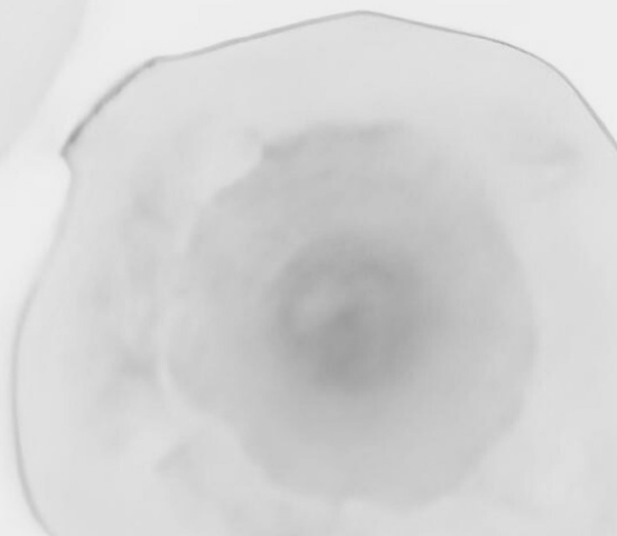
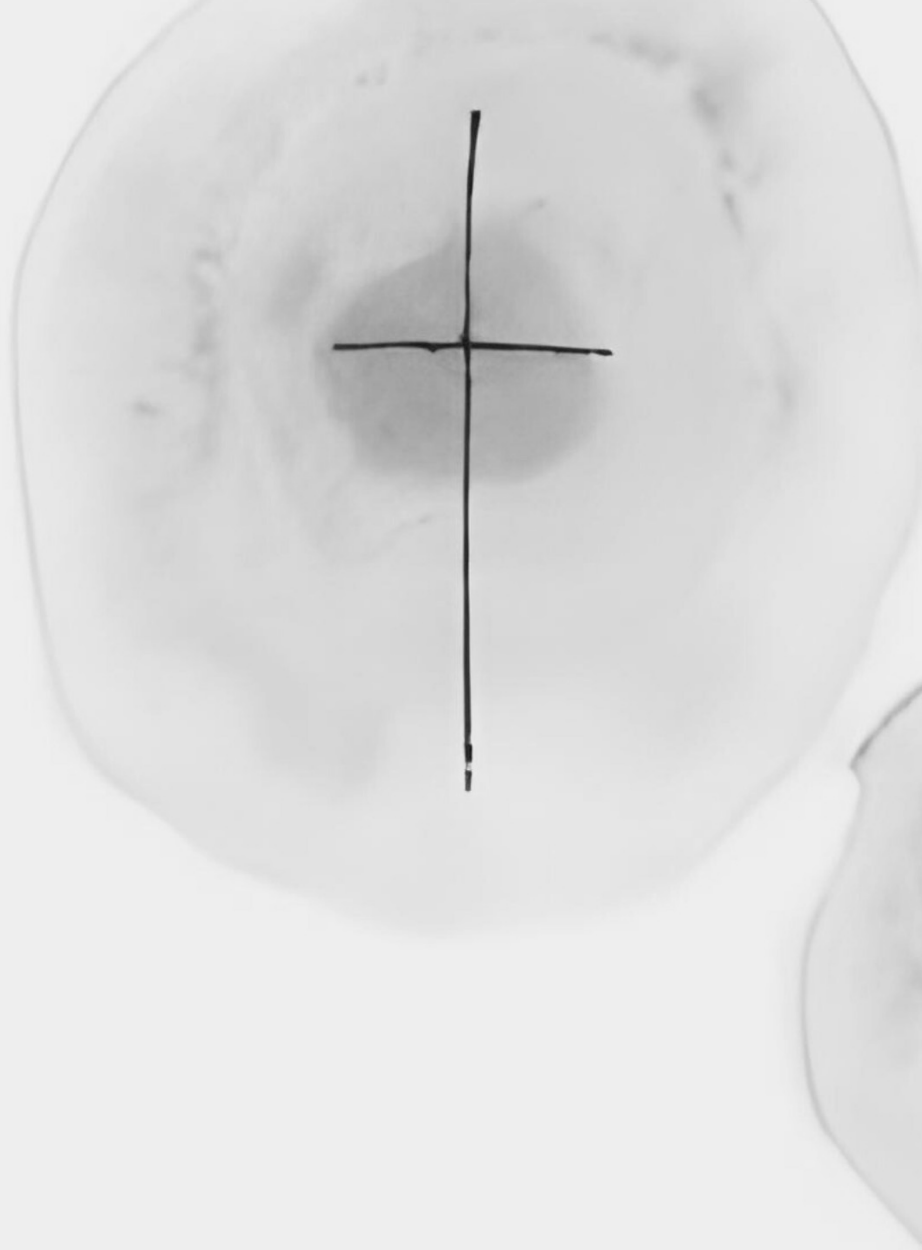






Redenção na fronteira

**Jesus, a Igreja
e os oprimidos**

**Messias Santos
Pedro Santos**



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
PREFÁCIO	11
<i>Joseph Scott Arthur</i>	
PREFÁCIO	15
<i>Lucas Merlo Nascimento</i>	
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1	25
A promessa da restauração: esperança para os oprimidos (Isaías 61.1-2)	
CAPÍTULO 2	57
Libertação e justiça: o chamado de Cristo para os marginalizados (Lucas 4.14-30)	
CAPÍTULO 3	115
A vocação profética da Igreja: continuando a missão de Cristo	
CAPÍTULO 4	147
A espiritualidade da generosidade	
CAPÍTULO 5	185
Imparcialidade e justiça (Tiago 2:1-10)	
CONCLUSÃO	215
REFERÊNCIAS	219

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno, fonte de toda luz e misericórdia, minha alma se curva em gratidão. Foi Ele quem soprou vida neste livro, cujo tema - o cuidado com os que sofrem em silêncio, pulsa no coração do Evangelho. Que estas páginas sejam como sementes lançadas ao vento, germinando em gestos de compaixão e amor encarnado.

Ao querido amigo e irmão Pedro E. C. Santos, cuja presença na minha jornada teológica, desde 1999, é como um farol em noite escura. Sob sua direção no Seminário Batista Regular de São Paulo (hoje Faculdade Batista Logos), aprendi a ouvir a voz da sabedoria. Tê-lo como coautor é mais que honra, é bênção que se entrelaça à história deste projeto. Seu encorajamento foi como chuva mansa sobre terra seca.

À Faculdade Batista Logos, onde meus primeiros passos no ensino teológico foram dados com temor e esperança, minha reverência. Hoje, como parte do corpo docente, continuo a aprender que ensinar é também servir.

À Faculdade Teológica Sul-Americana, minha gratidão por me mostrar que o saber, quando vivido, se torna luz nos caminhos da prática cristã.

À amada Igreja Batista Regular Boas Novas, minha casa espiritual, onde posso viver e ensinar a Palavra com liberdade e afeto. Obrigado por serem terra fértil, onde a fé floresce em comunhão, e por me permitirem partilhar da vida cristã com sinceridade e alegria.

Tudo é para Ele.

Tudo vem d'Ele.

Tudo volta a Ele.

Soli Deo Gloria.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Adriana Firmina dos Santos e Jaime dos Santos (*in memoriam*), que, mesmo sem ouro ou prata, me legaram riquezas eternas: o nome de Cristo gravado no coração e a luz da educação acesa nos meus passos. Suas mãos calejadas sustentaram meus sonhos, e sua fé moldou minha esperança.

À minha amada esposa, Andrezza Bereczki dos Santos, e ao meu filho, Gabriel Henrique Bereczki dos Santos, dedico cada página como quem oferece flores colhidas no jardim da alma. Vocês são minha canção mais doce, meu abrigo nos dias incertos, e o motivo pelo qual este livro pulsa com vida. Amo vocês com amor que não se mede, nem se explica, apenas se vive.

PREFÁCIO

No ministério de Jesus, há poucos momentos de maior significado do que a proclamação inaugural do Senhor de sua missão na sinagoga em Nazaré, sua cidade natal. Ao citar Isaías 61:1-2a, Jesus não somente estabelece seus motivos, mas também identifica as funções essenciais que ele cumpriria em seu ministério terreno.

Não é por acaso que é Lucas o evangelista quem registra essa experiência (Lc 4:16-30). Ele se mostra um estudante perceptivo do envolvimento compassivo de Jesus com os pobres, os oprimidos, os marginalizados e os excluídos da sociedade palestina. Porém, por mais que estejamos familiarizados com os termos da profecia de Isaías, corremos o risco de perder as ênfases que Jesus inclui em seu ministério libertador. Como todas as declarações de Jesus, a atenção da igreja a essas palavras é de suma importância, pois ele nos enviou para representá-lo em um mundo que, em muitos aspectos, corresponde ao ambiente do primeiro século.

Nas páginas seguintes, meu bom amigo e colega, o pastor Messias dos Santos, inicia a discussão explicando os contextos histórico, literário e teológico desta profecia de Isaías. O autor descreve bem a condição de pobreza e a exclusão que todos os exilados de Israel sentiam ao retornarem a uma terra prometida a eles, mas habitada por outros. Em seguida, ele examina o cenário específico de Lucas 4 no ministério de Jesus e elucida os vários aspectos de cumprimento encontrados nas suas obras.

Por fim, o pastor Messias confronta a infeliz tendência da igreja moderna de ignorar esses conceitos fundamentais e seguir um evangelho muito mais reduzido. Em vez de se envolver num ministério pleno em favor daqueles que clamam por redenção, muitos segmentos da igreja se contentam com um evangelismo apenas em palavras. Mas, como destaca o nosso autor: "...o evangelho exige uma resposta honesta e eficaz, que não se limite a proclamação, mas se manifesta na prática". Um evangelho estéril é uma terrível deturpação do Cristo do Evangelho.

Por outro lado, os últimos cinquenta anos provaram que, quando o foco da igreja está voltado aos esforços sociais, o evangelho social resultante pode ser igualmente problemático. Em vez de uma abordagem que ignora o resultado prático do Evangelho, um desvio para o outro extremo pode produzir um evangelho emasculado, cuja mensagem é direcionada à mudança social radical, mas que não traz transformação espiritual. O pastor Messias rejeita esses dois extremos. É necessária uma mudança social, mas as tentativas mais radicais de alcançar este objetivo

obscurecem o verdadeiro caminho da salvação, promovendo a agitação política. Ao mesmo tempo, a simples assistência social pode parecer insuficiente como meio de corrigir os erros de nossa cultura e trazer mudanças duradouras para a vida dos necessitados. Tanto a assistência compassiva aos oprimidos quanto a pressão por mudanças sociais são necessárias para que a igreja impacte o mundo. Como afirma o autor, “Mesmo sabendo que a igreja não pode resolver o problema do mundo, ela pode trabalhar para resolver o problema de seu próximo”.

Convido o leitor a encontrar nestas páginas um equilíbrio entre o ativismo social e o ministério compassivo, entre um evangelho verbal e um evangelho visível. Que o Senhor nos torne todos dignos representantes de nosso misericordioso Salvador.

Joseph Scott Arthur, PhD
ABWE International

PREFÁCIO

Não é necessário muito esforço para verificar a frágil situação socioeconômica da população brasileira. O fato de, em julho de 2025, o país sair novamente do “Mapa da Fome”, da ONU, após ter retornado a ele só denuncia o óbvio: pouco esforço é necessário para que a situação retorne. Nisso reside o triste paradoxo da situação. Um país rico em recursos naturais, mas célere em produzir pobreza. O paradoxo é desfeito quando se entende que a pobreza nestas terras não é fruto de escassez, mas de processos históricos por meio dos quais tais recursos passaram a ser usufruídos por um número reduzido de pessoas.

Em meio a essa situação as igrejas e comunidades religiosas desenvolveram-se em uma relação ambígua com a pobreza. Por um lado, as igrejas compreendem, em alguma medida, seu papel para o bem-estar social, mesmo quando relegado à função assistencialista que pouco diz ou propõe à conjuntura. Por outro lado, por vezes, nestas mesmas comunidades transitam teologias e sistemas de

pensamento religioso que culpabilizam o pobre por sua miséria, acrescentando ao sofrimento físico marcado por fome e doenças derivadas da fragilidade socioeconômica a violência simbólica do pecado daquele que não tem fé para vencer.

Ademais, um ingrediente tem tornado mais complexa essa relação - o sequestro político-partidário da discussão, em que pautar o óbvio - a pobreza que mata todos os dias é uma ofensa a Deus - é entendido sobre um determinado espectro político. Desta feita, abrir os olhos para ver a realidade e a boca para denunciá-la deixou de ser entendido como função profética da igreja e passou a ser entendido como marcador de “pastor ou liderança esquerdista”, como se a Bíblia, considerada pelas comunidades cristãs como seu texto sagrado, nada dissesse sobre a pobreza, injustiças e a solidariedade divina com os que sofrem, marcada pela encarnação de Deus em Jesus de Nazaré. Situação ainda mais grave! Nos últimos anos pautar desigualdades sociais e denunciar injustiças estruturais não só é discurso sequestrado, senão demonizado, ao ser identificado com discurso político-partidário simploriamente identificado sob a etiqueta útil de “anticristão”.

Um ingrediente a mais nesse imbróglio é a consideração das diferentes tradições teológicas que visaram lidar com a pobreza: da Teologia da Libertação que procurou tornar o pobre sujeito de sua própria história, às teologias da prosperidade que venderam soluções mágicas e individuais ao problema: da busca histórico-material à solução miraculoso-celestial. Há de se considerar, ainda, o movimento da Missão Integral que, apesar

de carecer de status epistêmico e metodológico de uma teologia, desenvolveu, predominantemente na tradição protestante de viés conservador, a preocupação de uma hermenêutica e práxis que leva a sério as condições socioeconômicas da realidade latino-americana, não porque apenas tais condições importam, mas porque aqui elas são prementes. Seria injusto não reconhecer, ainda, a contribuição da tradição reformada e sua teologia da mordomia. Cada uma dessas teologias precisa ser avaliada em sua dimensão teológica propriamente dita, mas também em seus resultados palpáveis para a transformação social - o sofrimento humano e a pobreza não esperam o discurso teológico para fazer suas vítimas.

Diante dessa situação, a igreja, em dimensão comunitária, e o teólogo, em dimensão individual, pode resignar-se com medo de ser identificado com algum espectro da cínica política brasileira, ou aderir a teologias que propõem soluções mágicas e individuais para problemas concretos e estruturais. Mas pode, também, uma vez mais, com a teimosia, urgência e ousadia proféticas, entender a vocação do Evangelho de Jesus para lidar com os excluídos. Neste sentido, é necessário mostrar que muito antes das injustiças socioeconômicas e desigualdades sociais serem pautadas na política, já estavam indicadas naqueles textos compreendidos como Voz divina, Sagrada Escritura.

É este o caminho trilhado pelos autores deste livro. Assumindo o risco de serem etiquetados com qualquer um dos rótulos vis disponíveis na insanidade do universo político-

evangélico brasileiro, propõem um retorno a ouvir a voz das Escrituras enquanto fundamento do ministério de Jesus junto aos pobres e na comunidade de fiéis. Mas quem os conhece em sua seriedade teológica, misericórdia que move à missão e compromisso com a igreja, não poderia admitir interesses senão aquele dos discípulos de Jesus – de refletirem em sua vida a compaixão do Mestre.

Conheci o Messias Santos há alguns anos, quando estava no Mestrado em Teologia e tornei-me seu orientador. Aos poucos, conheci sua atuação pastoral, a preocupação com as condições sociais de onde atua, aliado à sua trajetória acadêmica na área da Teologia. Já Pedro Evaristo, encontramos-nos há mais tempo, mais de uma década. À época eu iniciava meu Mestrado em Ciências da Religião enquanto ele o concluía. Como resultado, publicamos juntos uma obra sobre o Deuteronômio. Desde lá aproximamo-nos algumas vezes na atuação enquanto docentes de Teologia.

Entre o urgente cenário brasileiro, confusões político-teológicas, trajetórias de vida e Teologia, nesta obra os autores resgatam a tradição profético-isaiânica e sua recepção na teologia lucana apresentada na missão pneumática de Jesus segundo o Evangelho de Lucas e missão pneumática da igreja em Atos dos Apóstolos, a percepção paulina de liberalidade e generosidade e a leitura da carta de Tiago, visando combater a discriminação comunitária em relação aos mais pobres e vulneráveis. Pensar tais condições é uma reflexão sempre e novamente necessária

para mostrar que a vocação cristã em duplo sentido - do Cristo e do cristão - não pode ser concebida sem pisar a realidade que diariamente faz questão de se fazer vista. Boa leitura!

Lucas Merlo Nascimento

INTRODUÇÃO

Messias J. dos Santos

A compreensão do Evangelho transforma os valores das pessoas, orientando suas decisões pessoais e ações comunitárias. Entre essas mudanças, destaca-se a prontidão da igreja para acolher os excluídos. Esses novos valores funcionam como uma bússola para o discipulado cristão, que abrange o ser humano de forma integral. No entanto, os socialmente marginalizados, muitas vezes, são deixados de fora da reflexão da igreja e do cristão sobre seu papel.

Os cristãos, guiados por essa nova perspectiva, devem agir em favor dos desfavorecidos, como se o próprio Jesus de Nazaré estivesse atuando por meio da igreja. O fato de o Mestre ter direcionado seu ministério especialmente aos pobres reforça a necessidade de a igreja não negligenciar esse grupo.

É essencial que o clamor por justiça seja ouvido pela igreja, pois isso remete ao que é correto e alinhado ao padrão divino.

No Antigo Testamento, a revelação de Deus se dá por meio da vida das pessoas, de suas visões e experiências com o divino, não apenas por meio de discursos ou organização de valores, mas pelo compartilhamento de sentimentos, emoções e, sobretudo, relações pessoais. Keller (2013, p. 85) afirma: “A vontade clara de Deus é que todas as sociedades reflitam seu interesse por justiça para com os fracos e vulneráveis”. Assim, os cristãos, conhecedores da verdade, bondade e justiça, devem seguir o exemplo de Jesus, atentando-se e respondendo aos clamores dos excluídos.

Amaral (2013, p. 191) define o excluído como aquele que já não tem nada para ser explorado e, por isso, sua existência ou ausência pouco importa à sociedade. Esse cenário era evidente na monarquia israelita e persiste no sistema neoliberal atual, que idolatra o mercado. O excluído está um ou mais degraus abaixo do pobre. Há pobres porque há exploração e injustiça, pois a Lei de Deus não é respeitada. Enquanto os ricos se tornam mais ricos, os pobres se tornam cada vez mais pobres. Teologicamente, tudo isso é resultado do pecado. Se considerarmos a opressão como violação da dignidade humana, podemos incluir a pobreza, a fome, o abandono de viúvas e órfãos, a negligência com doentes e idosos, a insalubridade e o descaso social como formas de opressão.

Essas práticas opressoras permeiam a sociedade, mas o ministério de Jesus, conforme Lucas 4, fundamenta-se no cuidado com os excluídos, identificados ali como: pobres, cegos, presos e oprimidos. Lucas retrata Jesus como o Servo do Senhor

de Isaías, ungido pelo Espírito Santo para proclamar as boas novas aos marginalizados. Köstenberger (2022, p. 381) destaca essa forte ênfase lucana: a vinda de Jesus prioriza os desprezados da sociedade, incluindo mulheres, crianças, gentios, coletores de impostos, doentes, deficientes e pobres.

Diante dessa realidade, propõe-se o tema “Jesus, a Igreja e os Oprimidos”. O cuidado com os excluídos e pobres está intrinsecamente ligado ao caráter divino e à relação entre Deus e seu povo. Deus é descrito nas Escrituras como justo e misericordioso e, por meio de seu povo, sua graça é manifestada na terra. A igreja, portanto, deve se opor à miséria e à injustiça social, indo além do assistencialismo e engajando-se na transformação estrutural da sociedade. Pinheiro (1996, p. 312) reforça essa visão:

A construção de uma ética cristã de responsabilidade social no Brasil e na América Latina produzirá frutos permanentes e eternos, que florescerão ao longo dos anos para honra e glória de nosso Senhor Jesus Cristo. Não estamos falando de um momento, mas de um processo que crescerá conforme se expanda a consciência ética dos cristãos, chamados pelo Senhor a desempenhar uma tarefa histórica: transformar o Brasil em um país onde todos tenham acesso a condições dignas de vida e à justiça social.

Essa consciência ética deveria levar a igreja a olhar para os oprimidos, ainda que a relação entre cristianismo e exclusão tenha sido ambígua ao longo da história. Por exemplo, a prática conquistadora e dominante na América Latina distorceu a